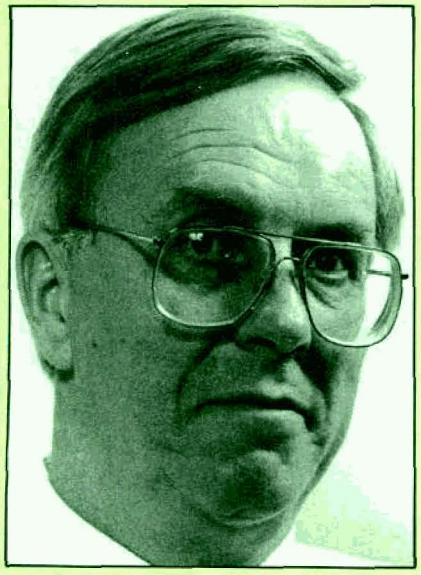
CORTESIA DA EDITORA DA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

Mercado mundial — a lógica da compensação



Henk Mathot

Há apenas dois anos no Brasil, Henk Mathot, atual presidente da Cargill brasileira, não viveu os anos de inflação alta no país. "Mas muita gente já me contou como era. Parece que é uma novidade para os brasileiros saberem o preço de um produto e se lembrarem do preço há um ano", nota ele, que no curto espaço de tempo em que convive com o Brasil já fala português fluentemente. Com a experiência de oito anos como presidente da Cargill Fertilizer Inc., sediada na Flórida, EUA, cargo que ocupou antes de assumir a Cargill no Brasil, esse engenheiro químico, que começou a trabalhar na empresa em 1974 como gerente de produção em Amsterdã e já atuou também na Inglaterra, acha que o país é promissor no que diz respeito à produção e não acredita que já esteja ocorrendo um "estrangulamento tecnológico", ao contrário. Acredita que ainda há muito a se explorar das tecnologias já disponíveis mundialmente e outras que vêm sendo estudadas, como a biotecnologia e a genética, podem trazer uma nova revolução tecnológica para a agricultura.

Em entrevista exclusiva à revista Agroanalysis, *Mathot falou sobre a atual situação mundial de preços e estoques, afirmando que o aumento da renda* per capita *nos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento é o principal fator que vem influindo no aumento do consumo mundial.*

■ *Os preços das commodities agrícolas tiveram uma alta sensível no último ano. Que fatores determinaram essa alta? Havia sinais de que isso poderia acontecer?*

— A causa principal é que tivemos uma produção muito mais baixa do que a de anos anteriores, e os estoques mundiais se reduziram. Isso ocorre quando existe menos suprimento do que demanda, como ocorreu no último ano. Na safra anterior, os preços das commodities também foram muito baixos, o que acabou desestimulando a produção. Esse foi também um fator de peso. Aqui no Brasil, por exemplo, na região do Mato Grosso, os baixos preços foram definitivos para a decisão de plantio, pois com as cotações muito deprimidas não vale a pena plantar na região. O custo de produzir e transportar acabou ficando mais alto. Foi um período em que a soja chegou a descer aos US$5,00 em Chicago (agora está em US$7,50). Para o produtor, no Brasil, o preço atual significa muito mais do que somente 50% de aumento, pois o custo do frete é muito elevado. Quando as cotações estavam em US$5,00, sobravam para o produtor apenas US$3,00. Agora o rendimento é de R$5,50. É uma situação completamente diferente, muito melhor, essa com que o produtor tem que lidar este ano.

■ *Os preços baixos teriam tido um impacto até maior do que os problemas climáticos na queda da produção mundial, então?*

— Todos os anos temos problemas climáticos em alguma região do mundo. Nesta última safra, ocorreram problemas desse tipo em várias regiões produtoras. E isso, sem dúvida, afetou muito a produção.

■ *Na safra que se aproxima, como deverão comportar-se o consumo e a produção? E a médio prazo, os preços tendem a se manter em um patamar mais elevado em relação aos níveis históricos?*

— A médio e longo prazos, nossa expectativa é de que o patamar de preços se mantenha mais alto em relação ao passado. Não tão alto como em 1995, porém mais alto. Digo isso porque estamos esperando que haja maior demanda e não há terra disponível suficiente para o plantio numa perspectiva mundial. A curto prazo, é muito difícil prever, porque o mercado de commodities é muito sensível. Além disso, temos no momento estoques muito baixos, o que torna o mercado altamente volúvel em termos de preços. Se temos chuvas em Kansas agora, os preços tendem a diminuir um pouco. Se temos sol, podem cair também, ou não. A situação é volátil, não há como prever o comportamento dos preços, porque qualquer boato, qualquer notícia faz variarem as cotações em uma situação como a de agora.

■ *No caso dos EUA, já há uma previsão em relação à próxima safra?*

— O que se prevê é que não haverá um aumento significativo na produção norte-americana. Algo talvez em torno de 0,5 e 1% de aumento. Mas de qualquer modo isso irá mexer com o mercado. Tudo afeta o mercado, mesmo que se trate de um pequeno aumento na produção. No caso argentino, os preços do trigo já foram afetados. Temos hoje uma situação mais normal, embora os preços tendam a se manter mais altos do que no passado.

■ *Falando na Argentina, que é um grande exportador, o país tem condições de elevar sua produção de grãos a curto e médio prazos?*

— Na Argentina há terras disponíveis e aptas para a agricultura. Mas não há condições de aumentar a produção a curto prazo. Isso só poderá ser feito em dois ou três anos.

■ *Os estoques internacionais nunca estiveram em nível tão baixo em termos históricos. Qual o horizonte para os próximos anos e quais as perspectivas de que os estoques se normalizem?*

— Realmente, os estoques nunca estiveram tão baixos. Mas atualmente o que se rediscute é justamente o que seria a normalização. A demanda vem crescendo a cada ano e os estoques não são calculados em toneladas, mas em semanas de abastecimento garantido. Hoje, uma folga suficientemente grande nos estoques, para que eles chegassem ao ponto de não pressionar os preços, exigiria que esses estoques na verdade fossem maiores do que os historicamente conhecidos, pois a demanda aumentou. Isso, no entanto, depende muito das expectativas de produção. Teoricamente, se as expectativas forem boas nas diferentes regiões mundiais, serão precisos estoques em menores volumes do que numa conjuntura de produção menor, embora isso configure uma situação de risco. Mas é o cenário atual.

O mundo atual pode ter menos estocagem do que há 20 anos, porque contamos com melhor distribuição da produção. É difícil, portanto, prever qual seria o nível ideal de estocagem. Sem dúvida, se tivermos mais estoques, teremos uma situação mais segura. E isso depende muito também de onde estão esses estoques. Eles têm que estar bem-distribuídos, pois se houver estoques só na Rússia, por exemplo, não vai ajudar muito.

Os preços subiram. Não que o consumo tenha crescido além da expectativa, mas a produção de grãos não cresceu, devido a problemas climáticos.

■ *Como é possível hoje expandir a oferta e ao mesmo tempo recuperar esses estoques em níveis tranqüilizadores para o mercado? O que é possível fazer nesse sentido?*

— Acho que vai ser muito difícil recuperar esses estoques. Quem vai pagar? Então teremos que nos adaptar a uma situação de estocagem muito mais baixa do que no passado. Vamos viver, portanto, numa situação-limite de estocagem, e também não temos resposta científica, exata, da quantidade necessária de estoques mundialmente. Trata-se mais de uma questão psicológica em termos de mercado. Quanto a aumentar a oferta, os governos podem incentivar a produção, com crédito para os produtores. No Brasil, por exemplo, os produtores muitas vezes não podem plantar porque estão descapitalizados. Se o governo não faz nada nesse sentido, pode ocorrer de novo o que ocorreu agora: uma queda na produção, já que o produtor estará escorado apenas no mercado e nos preços dos produtos. Se estes estiverem baixos, a produção tende a cair. No caso da Argentina, no entanto, embora não haja um incentivo por parte do governo, os produtores estão mais capitalizados, têm outros tipos de incentivos, como o que é dado à exportação, por exemplo.

■ *Que países possuem condições de expandir a oferta de grãos no curto e médio prazos?*

— A médio prazo temos o Brasil; o centro da América Latina é muito importante do ponto de vista internacional, e provavelmente também a Ucrânia e a Rússia. Aqui temos regiões climatologicamente muito propícias para grãos, como Piauí, Mato Grosso, o Centro-Oeste etc. No caso dos chamados Tigres Asiáticos e da China, eles não têm terras disponíveis e propícias ao plantio. Nós vamos alimentar os Tigres. O que determina isso é o clima. Não há país que consiga irrigar toda a sua área plantada, por isso o clima é determinante. Por isso também o Leste europeu e o centro da América Latina são tão promissores em termos de oferta.

■ *Que fatores explicam o aumento do consumo mundial e como esse consumo se comportará no futuro? A tendência é de que continue crescendo?*

— Há um estudo publicado sobre isso. A renda mundial *per capita* vem aumentando, bem como o consumo de alguns produtos, como óleo e milho. Houve um crescimento muito grande da renda nos últimos anos, e isso pressiona a demanda. Saímos de um patamar muito baixo de renda com um salto sensível. E um dólar a mais, numa renda muito baixa, significa que o indivíduo vai comer dois quilos a mais de produtos. Nos países cuja renda já era elevada, o aumento do consumo não é tão sensível. Se o indivíduo tiver dois dólares a mais, ele vai gastar apenas meio dólar para comer e empregar o restante para outros fins. Em algumas regiões, como Ásia, Brasil, China, têm sido registrados elevados aumentos na renda *per capita*. Essa elevação da renda tem determinado um aumento expressivo do consumo. É uma velha história. Se uma pessoa tem apenas fubá para comer, quer mais. Com um pouco mais de renda, se agregam à alimentação óleo e proteínas, o que é uma tendência natural. E isso se processa de forma muito rápida nos países de baixa renda. Um aumento de renda nos EUA, por exemplo, reflete-se pouco na demanda.

■ *Alguns analistas apontam "um estrangulamento tecnológico" da oferta*

mundial. O senhor acredita que as tecnologias disponíveis estariam já indicando um limite na oferta?

— Esse limite é muito elástico. Há terras nos EUA que podem fornecer 10t de milho por hectare. É algo fantástico, mas possível. No Brasil, a média de produção é 0,8t por hectare, deixando de lado o Nordeste, cuja média fica muitíssimo abaixo. Mas no sul do Brasil já se conseguem 2t por hectare. Temos espaço para produzir muito na oferta. Imagine no mundo todo. Se produzirmos 35 milhões de toneladas de milho em uma determinada área plantada, com um aumento na área poderemos produzir 70 milhões. E tecnologias temos muitas ainda a explorar por completo. Essa disparidade no uso das tecnologias é sentida mundialmente. Aqui podemos crescer muito. E agora estamos começando a trabalhar com novas tecnologias, ainda pouco exploradas, como a biotecnologia e a genética, que podem significar outro salto tecnológico na produção mundial de alimentos. Nos EUA já se pesquisam variedades de milho com maior teor de amido, ou soja com maior quantidade e qualidade de proteína. Nos países em desenvolvimento, como o Brasil, ainda se deve pensar em como utilizar bem as tecnologias disponíveis. Qual o uso ideal de adubo, por exemplo? O que se busca hoje é o melhor gerenciamento das tecnologias.

Os recursos disponíveis da terra e da água já podem ser considerados fatores limitantes da oferta mundial?

— No Brasil, a maioria das terras não tem irrigação, e quando se fala em uso dos recursos hídricos eles pesam mais no caso da irrigação. Quanto à terra, no passado tivemos no Brasil produtores que utilizaram mal a terra, mas hoje qualquer produtor sabe que seu capital é a terra. E isso não acontece só no Brasil. O produtor não vai destruir seu próprio capital, e hoje há preocupação mundial com o bom uso da terra. Cresceu a conscientização a respeito do bom uso dos recursos naturais.

Qual o posicionamento do Brasil no contexto produtivo mundial? O país possui condições favoráveis para se auto-abastecer e gerar excedentes? Quais os fatores que limitam a oferta brasileira?

— Temos contra nós o famoso custo Brasil e os juros altos. O preço do frete, dos impostos, as condições de produção pesam muito. E a iniciativa privada não vai investir sozinha em sistemas de transporte, por exemplo. Ninguém vai ser louco de construir uma ferrovia. É caro demais. Há realizações que têm que ser bancadas pelo governo. E o uso de hidrovias poderia baixar os custos, embora não tanto como nos EUA, onde o rio Mississippi atravessa o país. Mas é necessário baixar um pouco os custos para que possamos produzir e competir melhor.

Houve um crescimento da renda nos últimos anos pressionando a demanda. Saímos de um patamar de renda muito baixo com um salto sensível.

■ *Quais as regiões brasileiras com maior potencial de expansão da produção e quais os produtos em que somos mais competitivos?*

— Temos muitas terras disponíveis. Temos que pensar agora é na distribuição da produção — São Paulo, Paraná, Centro-Oeste. Mas é preciso avaliar se é melhor produzir mais milho perto de São Paulo e incentivar a pecuária em regiões mais afastadas. É uma questão de logística da produção que tem que ser estudada. Temos muitas terras ainda por explorar. Mas no que diz respeito à competitividade, o Brasil está bem-posicionado em produtos como arroz, milho, soja. Em outros produtos, como o açúcar, por exemplo, somos mundialmente imbatíveis em termos de custos.

■ *No caso do trigo, nos atuais níveis de preços, o Brasil tem possibilidades de voltar a produzir mais de 4 milhões de toneladas, como já produziu no passado?*

— O clima no Brasil é um fator limitante para o cultivo do trigo, mais precisamente, para a sua qualidade. O Brasil pode colher mais trigo, mas a qualidade é baixa. Na Argentina, por exemplo, temos um trigo de melhor qualidade. Hoje misturamos 25% de trigo nacional com 75% do importado para produzir um bom pão. No caso do trigo para massas, ainda estamos experimentando os trigos próprios, de grão duro. Mas teoricamente temos condições de produzir um bom trigo para a indústria de massas. O problema hoje é que, se podemos comprar fora, quem vai ter interesse em estudar novas variedades mais produtivas e de melhor qualidade de trigo? Temos melhor competitividade em outros produtos.

■ *Mas no caso de uma explosão de preços internacionais, como a que ocorreu, o país não sai perdendo muito, tendo que comprar fora quase todo o trigo de que necessita?*

— Sem dúvida. Por outro lado, ganha em produtos em que é competitivo, como na soja. Não sei se a perda compensa o ganho. Mas hoje é essa a lógica do mercado. E no caso do trigo brasileiro, mesmo que produzíssemos o suficiente, teríamos que comprar para fazer a mistura com trigos de melhor qualidade, no caso do uso para panificação.

■ *O Brasil tem hoje atrativos para trazer capital de fora para a nossa agricultura?*

— Já estamos fazendo isso, através dos próprios contratos de exportação. O problema para produzir no Brasil é essa mistura de juros altos com o custo Brasil. Portanto, captar dinheiro lá fora é muito interessante e estamos nos tornando mais atraentes em termos de investimentos em agribusiness. O país tem todas as condições para atrair capital externo.

Entrevista de Patrícia Carvalho